

Cia. dos Atores abre a programação Sede Viva

PÁGINA 4



Ju Diniz leva sua herança sambista ao Blue Note

PÁGINA 7



Mostra reúne obras de dez mulheres indígenas

PÁGINA 8



2º CADERNO

‘Ela é um ser humano absoluto. E bem brasileiro’

Fernanda Montenegro fala sobre sua personagem em ‘Vitória’, uma das estreias mais aguardadas do cinema nacional neste pós-Oscar

Suzanna Tierie/Divulgação

Por Affonso Nunes

Estreia nesta quinta-feira (13) um dos filmes mais aguardados da safra de longas brasileiros de 2025. Trata-se de “Vitória”, com Fernanda Montenegro, a grande dama das artes cênicas brasileiras. Aos 95 anos, a atriz afirma que sua nova personagem reflete a conjuntura social do Brasil. “Ela é uma porta-voz do momento em que se vive no país, da miséria, dos que não têm para

onde ir”, disse a veterana atriz em entrevista ao Fantástico (TV Globo) exibida no último domingo (9).

Dirigido por Breno Silveira e Andruca Waddington, o longa narra a história real de uma mulher idosa que, da janela de seu apartamento em Copacabana, observa as movimentações do tráfico de drogas. Ela se une a um jornalista, interpretado por Alan Rocha, para denunciar o esquema. O elenco ainda conta com Linn da Quebrada, Laila Garin e Thawan Lucas.

“Um ser humano absoluto. E bem brasileiro esse ser humano. Ela não é uma so-

frida, melodramaticazinha”, disse Fernanda sobre sua personagem. O projeto teve início sob a direção de Breno Silveira, que faleceu repentinamente no primeiro dia de filmagens, sendo sucedido pelo amigo Andruca Waddington, genro de Fernanda - ele é casado com Fernanda Torres.

No longa, a atriz interpreta Dona Nina, uma aposentada que combate uma quadrilha de traficantes e policiais corruptos. O filme é baseado na trajetória real de Joana da Paz, uma senhora que, com sua câmera VHS, desmascarou a quadrilha da janela de seu apartamento.

Sua identidade foi mantida em sigilo por 17 anos, até sua morte em 2023, após o término das filmagens.

Com roteiro de Paula Fiúza, “Vitória” é inspirado no livro “Dona Vitória Joana da Paz”, do jornalista Fábio Gusmão. O longa promete emocionar o Brasil a partir de sua uma narrativa poderosa sobre coragem, resiliência e o impacto transformador contido na luta de uma única pessoa por justiça.

É mais um personagem marcante para a trajetória única desta atriz com talento do tamanho do Brasil.

Divulgação



Piedade

Divulgação



"Tudo Bem"

Instituto Moreira Salles



'Central do Brasil'

Fernanda Montenegro é a maior diversão

A maior atriz do Brasil figura com destaque em diferentes plataformas digitais, com cults e 'blockbusters'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Apoiado na mise-en-scène mais delicada de Andrucha Waddington desde "Eu, Tu Eles" (um dos achados do Festival de Cannes de 2000), "Vitória" chega este fim de semana aos cinemas a fim de ampliar a estrada de lucros do cinema brasileiro em 2025. A rota do milhão foi pavimentada pelo ganhador do Oscar "Ainda Estou Aqui", por "O Auto da Compadecida 2" (hoje na Amazon Prime) e por "Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa".

A presença luminosa de Fernanda Montenegro no papel central é um chamariz de plateias. Sua personagem, a massagista Nina, é baseada no caso verídico de Joana



O Auto da Compadecida

da Paz, aposentada que desmascarou uma quadrilha de traficantes e policiais corruptos, na Ladeira das Tabajaras, na Zona Sul do Rio, com filmagens em fitas VHS. Incluída no Serviço de Proteção à Testemunha, Joana mudou de nome (e de lar) e teve sua identidade mantida em sigilo por 17 anos, até morrer em 2023, após o término das filmagens do longa.

Esse lançamento abre portas para que a obra vastíssima de "Fernandona" nas salas de exibição seja revisitada, com o auxílio das plataformas de streaming. O rosto dela está por todo lado no streaminguesfera.

Indicado ao Urso de Ouro e ao

Oscar, em 1998, "O Que É Isso, Companheiro?", de Bruno Barreto, abre para maior diva de nossos palcos os holofotes da MUBI. Sua participação é pequena, mas rouba aplausos numa adaptação da prosa de Fernando Gabeira sobre os Anos de Chumbo.

Na Amazon Prime, é possível vê-la brilhar num filmaço que teve sua carreira atropelada pela pandemia: "Piedade" (2019), de Claudio Assis. O título se aplica a uma praia, que é alvo do apetite predatório de uma corporação interessada em ocupar paraísos naturais e fazer deles chão para suas explorações econômicas. Um executivo de índole cruel, Aurélio (Matheus Nachter-

gele), tenta adquirir aquele Éden litorâneo enquanto curte os prazeres da carne com Sandro (Cauã Reymond), dono de um cinema pornô. O exibidor vivido por Cauã serve de ponto de interseção com a anciã sabia interpretada por Fernanda.

Ainda na Prime Video da Amazon encontra-se "Eles Não Usam Black-Tie", que rendeu a Leon Hirszman (1937-1987) o Prêmio Especial do Júri e o Prêmio da Crítica do Festival de Veneza de 1981. Sua sequência mais emblemática traz Montenegro catando feijão, na mesa da cozinha, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), autor da peça que inspirou o longa.

Na Netflix, "Central do Bra-

sil", ganhador do Urso de Ouro de 1998, encontra um lar. Fernanda ganhou o prêmio de melhor interpretação do Festival de Berlim e concorreu ao Oscar por seu desempenho (visceral) no papel da professora aposentada e escrevinhadora de cartas Dora. A tarefa de arrastar um menino órfão do Centro do Rio até os confins do Nordeste modifica sua vida. A direção é de Walter Salles, que voltou a dirigir a estrela em "Ainda Estou Aqui", hoje em cartaz em múltiplas salas, lotando multiplexes, caminhando para 6 milhões de pagantes. Nele, Fernandona divide com sua filha, F. Torres, a função de interpretar a advogada e ativista Eunice Paiva (1929-2018), que desafiou a ditadura militar.

Tem Fernanda na Netflix também em "O Tempo e o Vento" (2013), de Jayme Monjardim. Já no Globoplay, há como prestigiar essa titã em "Redentor" (2004), de seu filho, Cláudio Torres; em "Tudo Bem" (1978), de Arnaldo Jabor (1940-2020); e "A Hora da Estrela" (1985), de Susana Amaral (1932-2020).

Ainda este ano, Fernanda voltará à telona no thriller cômico "Velhos Bandidos", do já citado Cláudio Torres, ao lado de Ary Fontoura, Vera Fischer e Reginaldo Faria.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a voltar ao circuito brasileiro ao lado de Isis Valverde em “Código Alarum”, Sylvester Stallone arrumou uma antipatia pesada na ala do Partido Democrata dos EUA – e de grupos de esquerda – ao anunciar seu apoio ao presidente Donald Trump, comparando-o a Jesus Cristo.

O gesto surpreendeu seus fãs, dada a histórica postura de neutralidade do astro de 78 anos, que sempre evitou alinhamentos com líderes políticos. Foi explicitamente cobiçado por Ronald Regan (1911-2004) como um garoto propaganda para ideologias intervencionistas no tempo em que brilhava com “Rambo II – A Missão” (1985).

Hoje, uma série de mudanças na dinâmica simbólica de Hollywood, supostamente impostas pela cultura woke, levaram-no a pensar e agir diferente, frente ao sucateamento do cinema de ação, do qual é um ícone. Sua mudança para o streaming, com a série (de sucesso) “Tulsa King”, da Paramount+, facilitou sua escolha, que fez sua reputação humanista se arranhar. Apesar do arranhão, o pavimento de sua carreira, Rocky Balboa, segue intacto e amado, num culto que agora se expande pelas artes cênicas do Brasil, com a montagem, em São Paulo, de um musical baseado em seus feitos.

A partir desta sexta, o espaço 033 Rooftop, localizado no Complexo JK Iguatemi, vai se tornar um centro de treinamento de boxe e um ringue para pejejas nas raías do melodrama – e do marxismo. O espetáculo “Rocky” é uma versão brasileira do sucesso da Broadway de 2012, cuja adaptação é assinada por Thomas Meehan e pelo próprio Stallone, com música de Stephen Flaherty e letras de Lynn Ahrens.

Músicas marcantes, como “Gonna Fly Now” e “Eye of the Tiger” (um hino de superação), estarão em cena, embalando os treinamentos de Balboa, vivido por Daniel Haidar. A montagem



Divulgação

Apesar da surpreendente adesão de Sylvester Stallone ao trumpismo, o personagem Rocky Balboa mantém sua legião de fãs mundo afora

O gongo ainda não soou

Musical em São Paulo e filme de Peter Farrelly alimentam a mítica em torno de Rocky Balboa em meio à adesão inusitada de seu criador, Sylvester Stallone, à política de Donald Trump

nacional tem direção musical de Fernanda Maia, direção geral de Zé Henrique de Paula e produção geral de Adriana Del Claro.

Paralelamente, Peter Farrelly (de “Green Book: O Guia”) prepara o longa “I Play Rocky”. A trama revive os bastidores da produção cinematográfica de 1976, orçada em US\$ 1,1 milhão, que fez de Balboa um signo de resiliência. Sua bilheteria beirou US\$ 225 milhões, ganhando

cinco continuações entre 1979 e 2006, além de inspirar a franquia “Creed” (2015-2023). Em 1977, o longa conquistou os Oscars de Melhor Filme, Direção (John G. Avildsen) e Montagem (Richard Halsey e Scott Conrad).

Parte dessa história foi narradas no documentário “40 Years of Rocky: The Birth of a Legend” (2020), do cineasta Derek Wayne Johnson. Ele tratou do tema também no seminal “John G. Avildsen:

King of the Underdogs” (2017), com depoimentos de Seu Sylvester.

“O primeiro Rocky traz uma das cenas mais emblemáticas de redenção de toda a História do Cinema: no round 14, quando Balboa cai, todo mundo diz para ele continuar no chão e desistir, mas ele fica de pé, mesmo cambaleante, sem desistir, afoito por mais uma chance de lutar”, lembrou Johnson em entrevista ao Correio da Manhã concedida na finalização de seu longa anterior, “Stallone: Frank, That Is”, sobre o irmão mais moço de Sylvester. “Minha vida não teria sido a mesma sem essa cena de Rocky, que John G. Avildsen dirigiu. É a história de alguém que duvida de si, sobre ser capaz de vencer, mas que tenta. Daí ganhar a simpatia de plateias há tanto tempo”.

Mítica, a escadaria do Museu de Arte da Filadélfia, revisitada por Johnson (e pelo musical encenado por Zé Henrique de Paula), virou História a partir do dia 21 de novembro de 1976, data da primeira exibição pública de “Rocky, um Lutador”. Quando vendeu seu roteiro (escrito em três dias e meio, como ressaca pós uma luta de Muhammad Ali) para a United Artists, sonhando protagonizá-lo, Stallone ouviu nomes mais famosos do que ele serem citados como potenciais escolhas para interpretar o Garanhão Italiano. Os mais co-

tados eram Robert Redford, Ryan O’Neal, Burt Reynolds e James Caan. Mas Stallone bateu o pé: só venderia o script se o papel central fosse seu. E Irwin Winkler e Robert Chartoff bancaram a escolha, levantando o filme com orçamento de US\$ 1 milhão. Pensaram em Carrie Snodgrass e Susan Sarandon para viverem Adrian, mas quem levou a personagem foi Talia Rose Coppola Shire, maninha de Francis Ford. Para o lugar de Apollo, o Doutrinador, pensou-se no boxeador Ken Norton, mas quem ganhou o short com as cores e listas da bandeira dos EUA foi Carl Weathers, morto em 2024.

Avildsen inovou a engenharia de filmagem hollywoodiana da década de 1970 ao deixar uma câmera móvel nas filmagens das lutas. “Na vida, você nunca pode baixar a guarda e deixar de socar os desafios”, disse Stallone no Festival de Cannes em 2019, ao receber da Croisette uma homenagem por suas cinco décadas de carreira. “Meus planos iniciais, nos anos 1970, quando filmamos ‘Rocky, um lutador’, em 29 dias, em 1976, era parar a série no terceiro filme. Mas havia mais coisa a ser contada. Tinha muita vontade, sim, de seguir com uma outra figura, a de Stallone Cobra, que é uma espécie de Bruce Springsteen da ação”.

Quem sabe o que a Era Trump oferece ao eterno Balboa.

Um endereço de efervescência

Renato mangolin/Divulgação

Com curadoria do ator e diretor Cesar Augusto, a Sede da Cia. dos Atores, na Lapa, promove programação anual com espetáculos, leituras e festas



Cesar Augusto diante da Sede da Cia. dos Atores na Escadaria Selarón

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existe no Rio de Janeiro um grupo de artistas premiados que inquietos, criativos, estão, desde sempre, à frente de projetos inovadores. A Cia. dos Atores tem como principais objetivos a experimentação, a renovação da linguagem cênica e a pesquisa contínua no teatro brasileiro. Criado em 1988, este coletivo explora novas formas de interpretação e dramaturgia, com um forte trabalho colaborativo entre atores, diretores e dramaturgos.

“Sede Viva”, o mais novo projeto da Cia. dos Atores, reúne espetáculos, leituras e festas até o fim de 2025, com curadoria do ator e diretor Cesar Augusto, no casarão multicultural que o grupo ocupa há quase 20 anos na Lapa.

A principal atração da abertura, entre os dias 14 e 16 de março, é a montagem “Panorâmica Jô Bilac”, reunião de sucessos da obra do dramaturgo carioca, desenvolvida por participantes do projeto Residentes da Sede ao longo do ano

passado.

No dia 26 de março, a programação segue com a leitura de “Breves Recortes sobre uma Surdez Coletiva”. O texto de Eduardo Hoffmann aborda uma série de fragmentos cotidianos envolvendo personagens em diferentes situações de não-escuta típicas da nossa contemporaneidade. Já nos dias 28 e 30 de março, é a vez do espetáculo “Uma Ação contra um Terceiro”, com concepção e direção de Ricardo Santos. Resultado de uma residência artística, a montagem pretende, por meio de uma provocação poética, fazer refletir sobre os caminhos da maldade humana em suas diversas formas.

“A Sede da Cia dos Atores está prestes a alcançar a maioria e, neste ano, com a programação Sede Viva, viabilizada pelo fomento Pró-Carioca, temos a oportunidade de ampliar nossa proposta, tornando-a mais diversa e inclusiva”, destaca Cesar Augusto, que falou com exclusividade ao Correio da Manhã.

“Minha trajetória sempre esteve ligada à formação. Na Cia. dos Atores estamos sempre conectados à pesquisa e investigação teatral”

Cesar Augusto

“Mais do que um espaço criado pela Cia dos Atores, a Sede se consolidou como um ponto de encontro para nova geração de artistas, promovendo formação, troca de experiências e impulsionando a cena carioca”, acrescenta.

Como a sua dedicação à for-

mação (o mestrado) te inspirou para esse projeto?

Cesar Augusto - As residências, que agora entram em seu sexto ciclo, foram o ponto de partida para pensar uma metodologia e trazer uma reflexão sobre a troca de experiências. Foi essa vivência que me levou a aprofundar a experiência acadêmica no programa de pós-graduação da Uni-Rio, no mestrado profissional em Ensino de Artes Cênicas. Esse percurso tem sido um estímulo fundamental também para minha prática docente, já que integro o time de professores da graduação da CAL. Minha trajetória como ator e diretor profissional sempre esteve ligada à formação. De certa forma, nós, da Cia dos Atores, estamos intrinsecamente conectados à pesquisa e ao desenvolvimento das potencialidades teatrais. Refletir sobre essas práticas é essencial para minha evolução artística e pedagógica. Afinal, ensinar é uma das formas mais eficazes de reciclar e aprofundar o próprio aprendizado.

Como é escolhido o autor das Residências?

Escolhas artísticas são sempre subjetivas e nem sempre partem apenas de mim ou do Marcelo Olinto, que também é membro da Cia e coordena as Residências comigo desde a primeira edição. Desta vez, a escolha surgiu a partir da produtora Território, de Breno Sanches e Carol Godinho, que realiza este projeto conosco. Achamos muito pertinente trabalhar, este ano, com a dramaturgia de Grace Passô como inspiração para nossos estudos e criações. É importante destacar que os residentes possuem perfis diversos: atores, dramaturgos, diretores de arte, pesquisadores. A residência não se restringe apenas à interpretação; aprofundamos esse conceito, expandindo-o para o universo da criação teatral. Isso pode ocorrer por meio da apropriação temática, da construção de uma cena ou de uma peça, compreendendo que o trabalho interpretativo se amplia para aspectos que ampliam o universo dramático e que fundamentam as escolhas estéticas e práticas.

E o papel do provocador nesse processo?

É sempre importante estabelecer elos de contato, não necessariamente pessoais, mas um provocador deve direcionar o foco para o universo autoral do artista escolhido para o ano. A partir da dramaturgia de Grace Passô, convidamos dois artistas cujas criações trazem analogias inspiradoras para o nosso processo: Suzana Nascimento (“Em Nome da Mãe” e “Calango Deu”) e Pedro Emanuel (“Língua” e “Nem Todo Filho Vingá”).

SERVIÇO

SEDE VIVA - Panorâmica Jô Bilac
Sede da Cia dos Atores
(Rua Manuel Carneiro, 12 – Escadaria Selarón, Lapa)
De 14 a 16/3, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

'Quero agora só trabalhar fora de cena'

Após sofrer distensão durante os ensaios, Miguel Falabella avisa que musical que estrela em São Paulo é sua última participação como ator neste gênero em que a preparação exige demais do corpo

Por **Ubiratan Brasil** (Folhapress)

Miguel Falabella tomou uma decisão. “Uma Coisa Engraçada Aconteceu a Caminho do Fórum”, em cartaz no Teatro Claro Mais, em São Paulo, será o último musical em que vai participar como ator. “Não tenho mais saúde para enfrentar a rotina de ensaios nem o grande esforço físico exigido em cada sessão do espetáculo”, comenta o ator.

“Nesse exato momento, enfrento uma distensão na panturrilha direita sofrida há 20 dias em um ensaio, que limitou meus movimentos. Estou driblando a dificuldade e, por enquanto, algumas coreografias eu acompanho sentado. Quero agora só trabalhar fora de cena.”

Aos 68 anos, Falabella afirma à reportagem que a decisão já tinha sido tomada há alguns meses e foi consolidada pela lesão muscular. “Escolhi montar essa peça pois queria me despedir do palco ao lado de atores experientes, amigos da minha vida”, diz, listando os nomes de Edgar Bustamante, Ivan Parente, Giovanna Zotti, Carlos Capeletti e Mauricio Xavier, com quem dividiu a cena por pelos menos 20 anos.

“São muitos anos atuando em diversos gêneros artísticos. Sou da comédia porque acredito que o riso é a gasolina do espírito. E a comédia musical é minha verdadeira expedição. Mas não consigo mais atender nem as exigências mais banais, como pintar o cabelo porque não pode ser branco, é muito velho. Aí peço o caju e erram o tom, um horror.”

Como ator de musicais, a trajetória começou com “O Beijo da Mulher Aranha”, em 2000, quando subiu ao palco ao lado de Claudia Raia e Tuca Andrada. Desde então, participou de clássicos antigos (“Alô, Dolly!”), fez participação em modernos (“Wicked”) e até raspou a cabeça (“Annie”). Agora, exhibe as canelas em “Uma Coisa Engraçada Aconteceu a Caminho do Fórum”, comédia que estreou na Broadway em 1962, com libreto de Burt Shevelove e Larry Gelbart e música e letra de Stephen Sondheim, um dos maiores autores do cancionista americano.

Baseado nas comédias farsescas de Plauto, dramaturgo romano cujos trabalhos inspiraram autores como Shakespeare, Molière e Feydeau, o musical se passa na Roma antiga e celebra o que os homens menosprezam, mas que não podem negar a si mesmos - luxúria, ganância, vaidade, ambição. “Hoje, o certo seria colocar no cenário aquela tarja: ‘esse espetáculo reproduz costumes e atitudes que já não são mais aceitos’. Era uma sociedade que se divertia vendo pessoas sendo assassinadas, devoradas por leões”, diz Falabella.

Ele vive o escravo Pseudolus que, na ânsia de se tornar um homem livre, ajuda seu jovem mestre Hero (Lucas Colombo) a fugir com sua amada Philia (Luci Salutes), uma cortesã ainda virgem. Ela foi vendida, mas ainda não entregue, ao capitão do exército Miles Glorius (Frederico Reuter).

A ação acontece em uma rua romana em frente a três casas por onde entradas e saídas são feitas com cronometragem de frações de segundo. O cenário, projetado



Miguel Falabella estrela o musical 'Uma Coisa Engraçada Aconteceu a Caminho do Fórum', em cartaz no Teatro Claro Mais, em São Paulo

por Zezinho e Turíbio Santos, visualiza a Roma antiga como uma história em quadriminhos - tudo é levemente distorcido, assim como as intenções das pessoas que habitam o espaço.

Desafio da montagem

Seu desafio foi transformar em um discurso palatável aos dias atuais as diversas menções que hoje soam incorretas como o marido recomendar à esposa que, no mercado, compre, entre outras coisas, uma escrava jovem e fértil. “O espetáculo é uma crítica social, que brinca com preconceitos. Em nossa montagem, mostramos as cortesãs mais como mulheres empoderadas que como objetos sexuais a fim de evitar os estereótipos sobre o corpo feminino”, diz.

“Não se muda a história, o que aconteceu em Roma pertence ao passado, que não se apaga. A genialidade foi fazer uma comé-

dia dessa situação”, diz Falabella, ciente de que o humor inteligente jamais é ofensivo. “Nossa versão é moderna. Rafa L é uma atriz trans e vive Vibrata, uma das garotas do Lycus, o cafetão que mora com Philia e as outras cortesãs. O elenco traz ainda dois meninos em papéis femininos. É bacana ter essa roupagem nova. É uma pegada moderna.” Para ele, é preciso ser capaz de rir das próprias fraquezas. Não de assuntos que machucam, mas de coisas que podem envergonhar e que continuam verdadeiras mesmo assim.

Ao mesmo tempo em que prepara sua despedida como ator de musical, Falabella agiliza outros projetos. Como a finalização de seu filme “Querido Mundo” e a participação, ao lado de Marisa Orth, do programa especial que a Globo vai exibir ao vivo em abril para comemorar os 60 anos da emissora.

Por Affonso Nunes

Com um ritmo sinco-pado e cadenciado de origem africana, o lundu foi um dos gêneros musicais mais apreciados no país no século 19. O que no século anterior era inicialmente uma dança de roda trazida pelas populações escravizadas trazidas da África - principalmente de Angola - acompanhada por palmas e instrumentos de percussão, o lundu foi gradualmente incorporando elementos musicais ibéricos, como a viola, e ganhou espaço tanto entre as camadas populares quanto nas elites. Pesquisadores musicais afirmam que o lundu influenciou diretamente o surgimento de gêneros como o maxixe, o choro e o samba.

Esta rica (e, infelizmente, esquecida) tradição musical é contada e tocada no espetáculo “Lundu Brasileiro”, que faz sua estreia nesta sexta-feira (14) no Sesc São Gonçalo. Contemplado no Edital Sesc RJ Pulsar 2024/2025, o projeto passará por quatro cidades fluminenses, seguindo para o Sesc Tijuca (6/5), Sesc Teresópolis (25/10) e Sesc Nova Friburgo (29/11).

O espetáculo foi idealizado por Rosana Lanzelotte, musicista, pesquisadora e criadora do Musica Brasilis, portal que disponibiliza gratuitamente as partituras dos lundus apresentados. Esses conteúdos também estarão acessíveis no portal Sesc Partituras.

O programa inclui exemplos dos primeiros lundus compostos no país, além de obras de compositores influenciados pelo estilo, como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e Villa-Lobos. As peças musicais serão intercaladas por comentários que as situam em seu contexto histórico e social, a cargo dos músicos Marina Spoladore (piano), José Staneck (harmônica) e Ricardo Santoro (violoncelo).

O registro mais antigo de um lundu conhecido atualmente foi feito pelos naturalistas Spix e Von Martius durante uma expedição pelo Brasil entre 1817 e 1820. Outro destaque do programa é



O trio formado por José Staneck, Marina Spoladore e Ricardo Santoro apresenta composições raras dos séculos 18 e 19

Um resgate mais do que necessário

Série de espetáculos no circuito Sesc apresenta a trajetória do lundu, o gênero trazido pelos africanos e que influenciou o choro e o samba

o “Landum das Beatas”, um raro exemplo de lundu instrumental localizado por Rosana Lanzelotte na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, que será apresentado pela primeira vez no Brasil.

O espetáculo também abrange o século XIX, trazendo o lundu “Isto é bom”, de Xisto Bahia, a primeira peça gravada no Brasil, em

1902, pela Casa Edison. O gênero se espalhou pelo país e influenciou compositores do Maranhão, como Leocádio Alexandrino dos Reis Rayol (1849-1909) e Antônio dos Reis Rayol (1863-1904). Ernesto Nazareth, por sua vez, iniciou sua trajetória como compositor aos 14 anos com a polca-lundu “Você bem sabe”. Entre os destaques do

programa está o célebre “Lundu da Marquesa de Santos”, de Villa-Lobos.

Diversas atividades relacionadas ao lundu estão previstas para 2025 em celebração ao Ano Brasil-França. O espetáculo será apresentado em recitais por Rosana Lanzelotte (cravo) e Clea Galhano (flautas doces) durante a

semana comemorativa da abolição da escravidão. As apresentações acontecerão na Embaixada do Brasil em Paris (13 de maio) e no Chateau D’Arcanges, na região de Bordeaux (17 de maio).

Fundado há 15 anos por Rosana Lanzelotte, o instituto Musica Brasilis tem como missão valorizar o patrimônio musical brasileiro, promovendo o resgate e a difusão de repertórios de diferentes épocas. O acervo do portal (<https://musicabrasilis.org.br/>) foi ampliado pelo projeto Acervo Digital de Partituras Brasileiras, que disponibiliza gratuitamente edições de cinco mil partituras de compositores brasileiros em domínio público. Até o momento, foram digitalizadas 4.934 partituras de 433 compositores de todas as regiões do Brasil. A qualidade do acervo levou o portal a ser selecionado pela Rede da Memória Virtual Brasileira, iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional, e a integrar o programa de Web Archiving da Library of Congress, nos Estados Unidos.

Tem samba no templo do jazz

Filha de Mauro Diniz e neta do saudoso Monarco, Ju Diniz segue a linhagem sambista da família

O sobrenome já diz muita coisa. Filha do compositor Mauro Diniz e neta de Monarco, eterno baluarte da Portela, Juliana Diniz é herdeira de um legado musical expressivo e apresenta nesta quinta-feira (13), às 22h30, o melhor do samba de raiz e do pagode ao palco do Blue Note Rio, uma casa especializada em jazz mas que se abre a todas as linguagens musicais e que neste mês de março só receberá shows de mulheres em sua programação.

A cantora iniciou a carreira cedo, aos 16 anos, participando do

disco do pai “Apotese ao Samba”, de 2003. Dois anos depois, em 2005, lançou o próprio disco de estreia e desde então não parou mais.

Criada em um ambiente imerso no samba, desde cedo Ju Diniz esteve envolvida com a música, participando de rodas de samba familiares e absorvendo a tradição do gênero. Além da música, explorou a atuação, estudando teatro e participando da novela “Senhora do Destino” (TV Globo). Mas foi na música que consolidou sua identidade artística.

“Cresci ouvindo samba em casa, acompanhando meu pai,

Reprodução Facebook Juliana Diniz



Ju Diniz começou a cantar profissionalmente aos 16 anos, participando de um disco de seu pai

meu avô e tantos outros mestres. Essa vivência me moldou e fez com que eu entendesse o samba não só como música, mas como história e resistência”, afirma. “O samba tem verdade, tem alma. Meu papel é continuar esse legado com respeito, mas também trazendo minha identidade”, reforça a artista que em 2006 participou do projeto “Circuito original” com o avô Monarco, Elton Medeiros, Roberto Silva, Eliane Faria e Nilze Carvalho.

Ao longo de sua trajetória, lançou diversos trabalhos que evidenciam sua versatilidade. E em 2012, gravou o DVD “Família Diniz – um coração azul e branco” junto do pai, do avô e do tio, Marquinho Diniz. Em 2023, apresentou o single “Resolvida”, seguido por “Supe-rei”.

Com uma carreira que equilibra tradição e renovação, Ju Diniz se firma como uma das boas vozes contemporâneas do samba, mantendo vivo o espírito do gênero.

SERVIÇO

JU DINIZ

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 - Copacabana)

13/3, às 22h30

Ingressos a partir de R\$ 60

Uma viagem sonora ao esplendor vienense

Orquestra do Thetro Municipal celebra nesta quinta e sexta os 200 anos de Johann Strauss II, compositor de valsas memoráveis

Por **Affonso Nunes**

O Theatro Municipal abre sua temporada de 2025 celebrando os 200 anos de nascimento de Johann Strauss II com a Série Celebrações – “Uma Noite Vienense”, nesta quinta e sexta-feira (13 e 14), às 19h, a preços populares. O concerto da Orquestra Sinfônica do Municipal (OSTM), com regência do maestro Felipe Prazeres, terá como solista

a soprano Michele Menezes. Antes do espetáculo, na escadaria interna do teatro, os grupos Os Pequenos Mozart e Amadeus, vestidos a caráter, receberão o público.

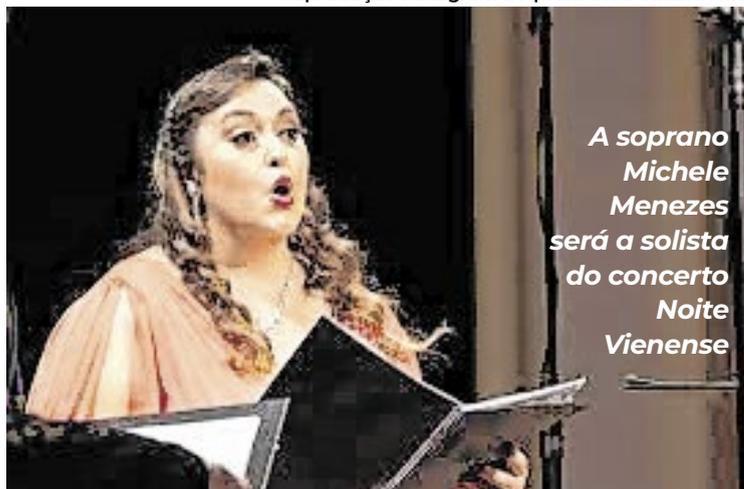
“Poucos compositores captaram a essência da dança com tanta precisão quanto Johann Strauss II. O Theatro Municipal tem a oportunidade de celebrar seus 200 anos vivenciando toda a elegância e vivacidade de sua música na abertura da

temporada”, ressalta o maestro titular da OSTM, que selecionou para o programa a abertura da opereta “O Morcego” e as peças “Valsa Vida de Artista”, “Valsa do Imperador”, “Polca Ancestral”, “Vozes da Primavera”, as czardas de “O Morcego” e a clássica “O Danúbio Azul”.

Nos dias 28 e 29 de março, o Municipal apresenta um concerto

didático com o maestro Felipe Prazeres e a OSTM, narrando a evolução das orquestras de forma acessível. Com texto de Eric Herrero, o programa incluirá obras de Bach, Mozart, Tchaikovsky, Rossini, Beethoven, Vivaldi e dos brasileiros Heitor Villa-Lobos e Lorenzo Fernandes. Os solistas serão Carolina Morel e Loren Vandal (sopranos),

Reprodução Instagram Orquestra Rio Villarmônica



A soprano Michele Menezes será a solista do concerto Noite Vienense

Fernando Lorenzo (barítono), Daniel Albuquerque (violino) e Sofia Ceccato (flauta). Participam ainda Liana Vasconcelos (bailarina), Bruno Fernandes e Ludoviko Vianna (atores, como Goiabada e Marshmallow) e Murilo Emerenciano (piano). A direção cênica é de Mateus Dutra.

“Com muita alegria, iniciamos mais uma temporada oficial do Theatro Municipal e nada mais vibrante do que as valsas de Johann Strauss II, compositor celebrado em todo o mundo por seus 200 anos de nascimento”, diz Eric Herrero, diretor artístico da fundação que gere o Municipal.

SERVIÇO

UMA NOITE VIENENSE

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)

13 e 14/3, às 19h

Ingressos entre R\$ 15 e R\$ 60

Arte, história e resistênci



Coletiva 'Entre a Terra e a Eternidade' reúne obras de dez mulheres indígenas que resgatam ancestralidades e saberes de seus povos



Por **Affonso Nunes**

O Movimento Vozes do Mundo dá sequência ao seu Programa Artístico de 2025 com a abertura da exposição "Entre a Terra e a Eternidade", que estreia neste sábado (15) no Espaço Cultural Correios Niterói. A mostra coletiva celebra a força, a memória e a espiritualidade das mulheres indígenas, reunindo obras de dez artistas que resgatam e reinventam saberes ancestrais por meio da arte.



entrelaça arte, história e resistência se entrelaçam, convidando o público a refletir sobre a relação com os povos originários e seus territórios.

"Nesta segunda edição do Vozes do Mundo, que busca ser um movimento plural e singular, destacamos a força e a resistência das mulheres indígenas. Aqui, a arte e a cultura

A coletiva 'Entre a Terra e a Eternidade' reúne trabalhos das artistas **Ana Maria Kariri, Camila Canela, Camila Sol, Carolina Potiguara, Emiliana Marajoara, Eva Tupinambá, Kaolin Maxakali, Mandacaru Karajá, Maria Karajá e Tapixi Guajajara**



se tornam ferramentas poderosas de diálogo e transformação social, amplificando suas vozes e reafirmando a importância de seus saberes. Acreditamos no potencial da arte para questionar, inspirar e reimaginar realidades", afirma Mariana Bahia, fundadora do movimento. "Nosso objetivo é criar um espaço de reflexão coletiva, conectando apoiadores de diversas áreas para fortalecer um entendimento sensível e profundo sobre a preservação da memória", reforça.

Além da mostra, o evento oferece oficinas e atividades que aprofundam a experiência do público. A oficina "Escritas da Terra: O grafismo indígena como releituras do amanhã", conduzida por Carolina Potiguara e Tapixi Guajajara, explora o grafismo como instrumento de identidade, comunicação e resistência, conectando os participantes às formas de expressão ancestrais. Já "Contos Amazônicos", experiência conduzida pela arte-educadora Emiliana Marajoara, resgata a tradição oral da Amazônia por meio da narração de lendas como Matinta Perera, Uirapuru e Luapê Jaçaña. A artista utiliza instrumentos tradicionais, como chocalhos e apitos, para criar uma ambientação que transporta o público a esse universo mitológico.

SERVIÇO

ENTRE A TERRA E A ETERNIDADE
Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visconde do Rio Branco, 481 - Centro)
De 15/3 a 26/4, de terça a sexta (11h às 18h) e sábado (13h às 18h)
Entrada franca